

ENTREVISTA

**MULTIMODALIDADE E IDENTIDADE: ENTREVISTA COM THEO VAN
LEEUVEN**

Entrevista concedida a Fernando Fidelix Nunes¹, Alex Bezerra Leitão², Janaína de Aquino Ferraz³ e Laura Nunes Pinto⁴
Universidade de Brasília

Entrevistado: Theo Van Leeuwen⁵
University of Southern Denmark

Recebido em: abril de 2022
Aceito em: junho de 2022
DOI: 10.26512/les.v23i1.43041

Theo Van Leeuwen é um dos principais pesquisadores da Análise de Discurso Crítica e da Semiótica Social. Em coautoria com o saudoso Gunther Kress (1940-2019), lançou, em 1996, a primeira edição de “Reading Images”, obra consagrada por fornecer métodos e conceitos essenciais para a análise de imagens numa abordagem multimodal. Para manter essa obra atual às mudanças constantes ocorridas na comunicação durante os últimos anos, os autores lançaram mais duas edições da obra (KRESS; VAN LEEUVEN, 2006, 2020), o que fortaleceu ainda mais o impacto da obra em nível global. Nas últimas três décadas, os trabalhos de Van Leeuwen conseguiram trazer discussões importantes sobre questões complexas para a comunicação, para a linguística, para as ciências sociais, para a educação e para a música, como as diversas relações que podem ser estabelecidas entre multimodalidade e identidade, tema instigante de seu mais recente livro (VAN LEEUVEN, 2021). Nesta entrevista, tendo o seu mais recente trabalho como foco, serão tratados aspectos essenciais para debates contemporâneos relacionados à Semiótica Social, como a contribuição da área para a educação, para a expressividade visual da escrita por meio da tipografia, para a relação entre sons e

¹ Doutorando em Linguística e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: fidelix1@hotmail.com.

² Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Professor colaborador no Instituto de Letras da Universidade de Brasília. E-mail: alexb.leitao@gmail.com.

³ Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Professora adjunta do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília. E-mail: ferraz.jana@gmail.com.

⁴ Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal E-mail: lauranunesp@gmail.com.

⁵ Professor de Linguagem e Comunicação na University of Southern Denmark. E-mail: leeuwen@sdu.dk.

emoções e a importância da Semiótica Social para se compreender mudanças ocorridas durante a pandemia do novo coronavírus.

Assim como você, muitos semioticistas destacaram que havia uma priorização de abordagens monomodais nos textos. Como trazer uma perspectiva multimodal para as salas de aula, a fim de preparar os alunos para lidar com diferentes textos em múltiplos contextos?

Isso não é fácil. A priorização de textos monomodais e logocêntricos produziu regras claras e ensináveis – regras ortográficas, regras gramaticais, convenções de gênero e assim por diante. Hoje, o ensino do letramento não deve apenas incluir uma gama de modos de comunicação, mas também fomentar valores que são muito apreciados no ambiente de trabalho, como flexibilidade, criatividade, inovação, trabalho em equipe e assim por diante. Os professores agora precisam ensinar não o que deve ser feito, mas o que pode ser feito; e precisam desenvolver critérios flexíveis para avaliar o que os alunos fazem com os meios de comunicação multimodais que agora têm à disposição.

É especialmente importante pensar nos recursos digitais a esse respeito. Os recursos digitais de aprendizagem geralmente são projetados por empresas globais de tecnologia educacional como se o aprendizado pudesse ocorrer apenas entre a criança e a máquina, de modo que os professores não sejam mais necessários. Lembro-me de fazer uma análise multimodal de um *CD-Rom* educacional no final dos anos 1990. Como era frequente naquele período, a página inicial era pictórica. Mostrava uma sala de aula com monitores, computadores e outros equipamentos e, em um canto, sentado atrás de uma mesinha com um vaso de flores, um professor. Todos os equipamentos podiam ser clicados, levando a uma série de jornadas educacionais. O professor era o único elemento na imagem que não podia ser clicado. Sendo eu mesmo professor, foi um momento chocante. Mas ensinar um ofício que existe há milhares de anos é tão importante como sempre. Os professores terão de fazer o que a *Microsoft* não pode fazer, além de expor os alunos a uma variedade de materiais, a experiências incorporadas e a práticas presenciais com as quais eles poderiam não entrar em contato.

Os recursos digitais de aprendizagem levantam muitas questões. A leitura *on-line* pode trazer distrações e levar a um processamento de informações rápido e resumido. Como Kathy Mills apontou em um livro recente, os professores podem ajudar as crianças a evitar esses riscos definindo tarefas, como planejar caminhos de leitura e focalizar a atenção. Encontrar informações na *internet* também tem seus riscos, pois os algoritmos podem criar “câmaras de eco” onde os usuários encontram apenas o que já sabem e acreditam, em vez de encontrar novos conhecimentos e pontos de vista diferentes dos seus. Novamente, os professores podem ajudar as crianças a aprender a avaliar informações com

base em credibilidade, propósitos, autoria e assim por diante. E no que diz respeito à multimodalidade, os professores podem desenvolver ciclos de aprendizagem e critérios para avaliar o trabalho dos alunos, por exemplo, avaliando se eles podem fazer conexões eficazes entre as palavras e as imagens em seus trabalhos de ciências multimodais, ou se eles podem entender e implementar conceitos de teoria narrativa como 'caracterização', 'desenvolvimento de enredo' e 'ponto de vista' por meio da realização de curtas-metragens de animação com ferramentas digitais. Há muito trabalho a ser feito aqui.

Em “*Multimodality and Identity*” (2021), assim como em outros trabalhos das últimas duas décadas, você defende a tipografia como um recurso vital de construção de sentido, especialmente em relação a estilos e identidades. Esse tratamento é incomum na linguística, mas atual nos estudos de *design*. Como sua abordagem semiótica social da tipografia pode mudar o estudo linguístico da escrita?

Ensinando comunicação visual em Cardiff, cerca de vinte anos atrás, comecei a perceber que minha abordagem para ensinar e escrever sobre comunicação visual era limitada a imagens, e que havia muito mais para o visual – padrões decorativos, tipografia, visualizações e assim por diante. Gunther Kress e eu tínhamos chamado nosso livro de “*Reading Images*”. Queríamos mudar esse título na 3ª edição do livro, mas os editores não nos deixaram. O título tornou-se, em parte, uma marca. Então, sim, o visual na vida social é mais do que imagens. É, por exemplo, também os padrões de tecidos. Esses padrões são significativos. As pessoas os escolhem para dizer algo sobre si mesmas, mesmo que não consigam expressar exatamente o que é isso. Esses padrões, agora, encontramos não apenas em tecidos ou em papéis de parede, mas também na escrita, por exemplo, no plano de fundo e na mobília da página de slides do *PowerPoint* e outros tipos de texto.

Quanto à tipografia, os próprios tipógrafos costumavam ver o livro como o ápice da tipografia e achavam que ela não deveria chamar a atenção para si mesma, que deveria ser em primeiro lugar sobre a legibilidade e, só então, talvez, também ter valor estético, de uma maneira modesta e discreta. Isso eu reconheci na linguística, onde também se pensa que os fonemas não têm significado em si mesmos e servem apenas para tornar possível distinguir as palavras umas das outras. Mas isso mudou. Os tipógrafos agora concordam que a tipografia produz sentido, ao lado do significado das palavras, que cria estilo. Tal estilo é fundamental para transmitir identidade, por exemplo, na marca, onde os logotipos são sinais multimodais que incluem linguagem e imagens semelhantes a ícones, como ocorre em formas de letras especialmente desenhadas para expressar os valores da marca.

Assim, agora, eu tinha que encontrar maneiras de falar sobre isso, que ainda não existiam, nem na semiótica nem nos livros de tipógrafos. Então, comecei a estudar as qualidades das formas das letras – como serem redondas ou angulares, achatadas ou alongadas e assim por diante – e os potenciais de significado que essas qualidades desbloqueiam e que são, em última análise, baseados em nossa experiência incorporada dessas qualidades, e, portanto, reconhecível e compreensível para todos nós, mesmo que normalmente não sejamos capazes de colocar em palavras como chegamos a tais entendimentos.

Alguns linguistas reconheceram isso muito cedo. David Graddol, por exemplo, escreveu sobre isso na década de 1990. Agora, mais linguistas prestam atenção, especialmente sociolinguistas, que se interessaram muito pela identidade, por exemplo Adam Jaworski, e linguistas que passaram para a multimodalidade, como Christian Johannessen e Tuomo Hiippala. É também uma área em que *designers* e multimodalistas começam a se encontrar, como você pode ver em uma edição especial da revista *Visual Communication*, e em um livro recente chamado “*The Materiality of Writing*”, que Christian Johannessen e eu editamos (JOHANNESSEN; VAN LEEUWEN, 2017).

Em seu novo livro, você aborda problemas reais ao analisar características distintivas do movimento em um pequeno vídeo divulgado pelo governo australiano sobre os riscos de pegar o coronavírus. A pandemia está transformando muitas coisas, por exemplo, na saúde, na educação, na política e na economia. Como a Semiótica Social pode contribuir para compreender essas mudanças e enfrentá-las?

No que diz respeito a esse vídeo, poderia ter sido qualquer outro vídeo. Eu só queria ilustrar que o movimento pode ser usado para produzir sentido, em filmes de animação e em outros lugares, como na dança e na atuação, e também na vida cotidiana. Eu queria desenvolver ferramentas para analisar como esses significados são feitos, de modo que seria possível, por exemplo, analisar de forma plausível como esse vídeo usa o movimento para “dizer” algo sobre o coronavírus.

Mas como a semiótica social pode nos ajudar a entender as mudanças que a pandemia está trazendo? Acho que precisamos começar aqui pensando na maneira como cada vez mais práticas sociais estão se movendo *on-line*, o que é uma tendência que a pandemia acelerou muito. Mais do que nunca trabalhamos *on-line*, aprendemos *on-line*, fazemos compras *on-line*, consultamos nosso médico *on-line*, realizamos reuniões *on-line*, socializamos *on-line* e assim por diante. Isso significa que todos os tipos de práticas incorporadas, práticas que envolvem todos os nossos sentidos, devem agora ser

transformadas em textos, em palavras e em imagens. É aí que a semiótica entra. Semioticistas como Ravelli e eu, por exemplo, estudamos como o *design* de espaços de aprendizagem promove novas formas de aprendizagem e como o *design* de espaços de escritório visa a aumentar o controle gerencial, o trabalho em equipe e a produtividade. O que acontecerá com essas práticas quando se tornarem *on-line*? O trabalho de escritório tornar-se-á uma espécie de indústria caseira, com trabalhadores contratados trabalhando em casa? Ou o trabalho será controlado a distância, com todos os novos recursos da tecnologia? Na Dinamarca, temos um projeto de pesquisa sobre compras *on-line*, para estudar o que acontece com a interação comprador-vendedor quando as compras são realizadas *on-line* e como ações físicas, como, por exemplo, verificar a maturação de bananas ao tocá-las ou provar roupas em uma loja de moda são substituídas por palavras e imagens *on-line*. Há trabalhos clássicos sobre compras, de linguistas como Mitchell, Hasan e Ventola, mas agora um novo capítulo precisa ser escrito. E nosso próprio trabalho acadêmico também está se movendo *on-line*, então também começamos a estudar como *sites* como Academia e ResearchGate transformam aspectos do trabalho acadêmico, como revisão por pares.

Em “*Multimodality and Identity*” (2021) você explica que a ideia de potencial de significado experiencial foi inspirada em estudos na área da metáfora. Embora seu alinhamento epistêmico não vá para a estrutura conceptual, como você acha que o estudo da metáfora e da multimodalidade podem se unir? Em outras palavras, seria possível pensar em planos conceptuais, situados socioculturalmente por meio de recursos semióticos?

Uma das principais motivações para desenvolver o conceito de “potencial de significado experiencial” está no que já abordei, na forma como a construção de significado em muitos domínios da vida pública não é mais baseada em gêneros estáveis, formais e convencionais, mas compreendida e praticada como, até certo ponto, um ato criativo, como algo novo. Esse é o resultado do que Fairclough chamou de “mercantilização do discurso” e, mais particularmente, de influência da publicidade e de suas formas de construção de significado multimodal em muitos domínios do discurso público. É por isso que enfatizo o poder criativo da metáfora, metáfora não como uma estrutura, mas como um processo, um processo de criação de significado. Enfatizo que o potencial de significado metafórico só se torna significado em contextos específicos.

Estruturas conceptuais existem, é claro, mas elas são a “semântica do discurso”, elas são o que os criadores de significado usam para descobrir o que eles querem “dizer” e não como eles vão “dizer”. Em nosso livro “*The Materiality of Writing*”, Johannessen e eu (JOHANNESSEN; VAN LEEUWEN,

2017) discutimos a “(ir)regularidade” como um recurso para produzir sentido. Partimos então do que são experiências comuns de irregularidade, que tipo de coisas fazem com que, por exemplo, a caligrafia seja irregular – não ter (ainda) a habilidade de produzir escrita regular, não querer ou se preocupar em produzir escrita regular, usando ferramentas e materiais que dificultam a escrita regular, estar embriagado ou ter uma enfermidade que dificulta a escrita regular, e assim por diante. É com base nessas experiências incorporadas comuns, e não com base em convenções, bem como no contexto em que encontramos uma instância de irregularidade, que podemos, por exemplo, reconhecer a caligrafia irregular em um anúncio de analgésicos como expressando agonia, na capa de um CD de *punk rock* como rebeldia, na capa de um livro infantil como brincalhão e caprichoso, e assim por diante.

No capítulo dedicado à sua teoria semiótica social da sinestesia, em “*Multimodality and Identity*” (2021), você reflete sobre a maneira como forma, cor, textura, movimento e timbre interagem em textos, em artefatos e em performances multimodais. Como analisar tais modos de forma que transcendam os significados sistêmico-funcionais, levando a perspectivas analíticas discursivas e que contemplem a construção conjunta de sentidos?

Se entendi sua pergunta corretamente, você sugere que a abordagem sistêmico-funcional produziu estruturas para analisar modos separados, mas não, ou ainda não com detalhes suficientes, para analisar como eles se combinam, como o significado de textos multimodais é mais do que o soma dos significados dos modos separados. O que, em geral, é verdade.

Ao longo dos anos, desenvolvi algumas ferramentas para analisar como os modos se combinam, focalizando na composição, como uma maneira de reunir os modos espacialmente, e no ritmo, como uma maneira de reunir os modos baseados no tempo. Mas isso não pode explicar a interação do que chamo de mídia, a integração de forma, cor, textura, timbre e movimento como a maneira como se articulam em textos multimodais. Aqui não pude ir muito além de dizer que eles se integram tal como os ingredientes de um prato, em suas diferentes proporções, criam um sabor geral. Em meu último livro, tentei dar um passo adiante aplicando princípios de orquestração a esse problema. Assim como em “*Reading Images*” tivemos, como heurística, princípios aplicados da linguística hallidayana aos modos não linguísticos, aqui tentei aplicar princípios da música aos modos não musicais. Sem dúvida, isso terá um longo caminho a percorrer, e, sem dúvida, terá de ser corrigido um pouco, como Gunther Kress e eu fizemos em relação ao nosso uso da linguística em “*Reading Images*”. Acho que isso resultou em algumas ideias novas e produtivas.

Nesse sentido, também comecei a ler sobre sinestesia, já que a sinestesia há muito tempo é uma companheira de viagem da multimodalidade. À medida que artistas de vanguarda começaram a criar arte multimodal no início do século 20, psicólogos e neurologistas começaram a estudar a sinestesia. Minhas leituras me convenceram de que os dois, com o tempo, cresceram um em direção ao outro, e isso é uma coisa boa, desde que biologia e cultura sejam vistas como interdependentes, influenciando-se mutuamente.

Você trabalhou recentemente com projetos focalizados em sons e em emoções. Como pesquisar o que está sendo ouvido e sentido, levando em conta o compartilhamento de contextos intersubjetivos?

Eu tenho pensado e escrito sobre som e sobre música por um longo tempo, como, por exemplo, em *“Speech, Music, Sound”* (VAN LEEUWEN, 1999), que publiquei pela primeira vez em 1999. Lá, desenvolvi a ideia de que nossa compreensão do som, seja da fala, da música ou de outros sons, baseia-se na experiência incorporada de falar e de cantar que todos nós compartilhamos, como seres humanos, ou seja, novamente, no potencial de significado experiencial do som. O exemplo que costumo usar é a tensão vocal. Quando tensionamos nossa voz, os músculos de nossa garganta se contraem. Como resultado, a voz torna-se mais alta, mais aguda e mais brilhante, porque as paredes da cavidade da garganta, em seu estado tenso, amortecem o som menos do que em um estado relaxado. Sabemos por experiência quando isso acontece – quando estamos excitados, por exemplo, ou ansiosos, ou sentimos a raiva brotando. Muitas coisas podem causar tensão. O seu potencial de significado e qual de seus significados potenciais será ativado em uma determinada instância dependerá do contexto situacional dessa instância. É claro que a tensão também pode ser usada deliberadamente, por exemplo, por atores ou cantores, seja para expressar uma emoção momentânea ou como a temperatura emocional de um determinado estilo ou gênero de música. A tensão é valorizada de maneira diferente em diferentes culturas.

É importante não perder de vista os aspectos culturais da emoção. Como semioticistas, estudamos não o que as pessoas sentem, mas os significantes de emoção que as culturas criaram ao longo da história – e, como os antropólogos sabem, diferentes culturas reconhecem ou colocam em primeiro plano diferentes emoções e diferentes maneiras de expressá-las. Podemos estudar como e por que significantes específicos de emoções se desenvolveram. No século XVII, no contexto do então novo gênero de ópera, compositores como Monteverdi, deliberadamente, buscaram maneiras de aumentar o impacto emotivo da música, por exemplo, colocando em primeiro plano o papel das cordas, porque

instrumentos de cordas podem criar vibrato, e todos nós sabemos por experiência que a emoção pode fazer nossa voz vacilar.

Finalmente, também estamos interessados em ouvir um pouco sobre as ideias que você possa ter sobre o futuro de diferentes abordagens no campo da multimodalidade.

Bem, antes de mais nada, já mencionei a importância de estudar as tecnologias digitais que agora nos fornecem recursos para a representação e para a comunicação multimodal. É importante não só estudar o que as pessoas fazem com esses recursos, mas também, e sobretudo, estudar os próprios recursos – o que nos permitem fazer e o que não nos permitem fazer, ou tornam difícil de fazer. Halliday sempre disse que a linguagem é moldada pelos interesses e pelas necessidades da sociedade de quem é a linguagem. Esses novos recursos semióticos são moldados pelas necessidades e pelos interesses das poderosas organizações que os criaram e que continuamente os atualizam e os desenvolvem. Como Emilia Djonov e eu descobrimos em nosso estudo de um desses recursos, o *PowerPoint* foi criado por engenheiros do Bell Laboratories, na Califórnia, para apresentar ideias à administração para financiamento. Esses argumentos precisam ser breves e assumir a forma de uma lista de “pontos de venda”. Hoje, o *PowerPoint* é usado para muitas outras coisas e em muitos outros domínios, incluindo educação e até mesmo certas formas de religião. Mas não foi adaptado para atender às necessidades desses outros domínios. Os outros domínios precisam se adaptar a ele e aplicar o modelo do campo de vendas a apresentações em conferências, em palestras, em sermões e muito mais. É claro que eles podem usar o meio de maneira diferente, mas, como Emilia e eu descobrimos estudando como o *PowerPoint* é usado em palestras universitárias e apresentações comerciais, a maioria das pessoas se apega ao formato de título mais a lista de marcadores. Sim, o estudo crítico das tecnologias semióticas deve, a meu ver, ser uma prioridade para a análise multimodal.

Há uma outra coisa que eu gostaria de dizer. Existe hoje uma pressão sobre as ciências humanas e sociais para usar métodos de pesquisa científica, incluindo métodos quantitativos e de *big data*. Não sou contra isso, mas sinto que a semiótica deve permanecer uma arte de interpretação, de textos e de seus contextos situacionais e culturais. A interpretação é, em certa medida, um ato criativo, mas que deve ter o cuidado de fundamentar interpretações na observação meticulosa do que há em textos e em contextos, em relatos plausíveis de potenciais de significado experienciais, em pesquisas etnográficas e documentais minuciosas de contextos situacionais, em práticas de produção de texto e em pesquisas

históricas igualmente minuciosas sobre o contexto cultural. Tudo isso, é claro, também torna a semiótica um empreendimento interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

JOHANNESSEN, C.; VAN LEEUWEN, T. (org.). *The Materiality of Writing: A Trace Making Perspective*. London: Routledge, 2017.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images*. 2. ed. London: Routledge, 2006.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images*. 3. ed. London: Routledge, 2020.

VAN LEEUWEN, T. *Speech, Music, Sound*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1999.

VAN LEEUWEN, T. *Multimodality and Identity*. London; New York: Routledge, 2021.